

Patrimônio Cultural de Pernambuco



Narcisse

Eng. Poço Comprido, Casa Grande e Capela - Vicência.

Casa Grande

José Antonio Gonsalves de Melo

Assim era designada a habitação do proprietário de grande plantação no Brasil. Embora o nome seja empregado usualmente com referência à região produtora de açúcar, de que Pernambuco e a Bahia foram, desde o século, os núcleos principais, pode e tem sido usado com relação à zona açucareira e cafeicultora do Estado do Rio de Janeiro e de São Paulo. A estabilidade exigida pela

grande propriedade rural, monocultora e escravocrata, e a organização patriarcal de família que se desenvolveu nesses domínios, em que o interesse e a vontade do senhor dominavam sem contraste, condicionaram o estabelecimento ali de vastas residências onde se abrigava não só a família do proprietário, como seus agregados, escravos domésticos e o capelão particular, e onde não

raro se recolhiam os próprios mortos, levados a enterrar em capelas eretas no conjunto arquitetônico da casa grande, costume bem característico do espírito de coesão familiar do patriarcalismo.

Constituiu ela parte de um conjunto que incluía a moradia dos escravos, a *senzala*, a casa do engenho (moendas, casa de purgar, encaixamento) e a capela, afora a residência dos

lavradores, que cultivavam os *partidos*, isto é, parcelas do latifúndio açucareiro.

A casa grande desempenhou várias funções ao longo da história: serviu, na fase ainda pioneira de ocupação da terra, de fortaleza — por contingência e também por exigência régia, expressa no regimento (1548) do primeiro Governador Geral, Tomé de Souza. Determinava-se nele que os que construíssem engenhos, “se obrigarão a fazer cada um em sua terra uma torre ou casa-forte . . . que abastarão para segurança do dito engenho e povoadores do seu limite”. Houve engenhos do século XVI que ficaram conhecidos como “da Torre” ou “da Casa-Forte”, havendo ainda notícia de outras casas-grandes a modo de fortaleza: uma delas representada em quadros de pintores holandeses Frans Post, Albert Eckhout que viveram em Pernambuco de 1637 a 1644; outra, do Engenho Megaípe (exemplo tardio do século XVII), chegou aos nossos dias.

Ac. 374022
801.1
8950390

Vencida a resistência dos indígenas, as casas-grandes perderam a feição de casas-fortes, apresentando-as os quadros de Post e um do pintor alemão Zacarias Wagner, contemporâneo daqueles, como construções em cujo primeiro andar se abria larga varanda, dominando o conjunto das construções e os campos próximos, e o rés-do-chão, chamado “loja”, conservava daquela fase primeira a função de depósito de alfaias agrícolas.

Com riqueza proporcionada pela produção do açúcar e, no sul do país, a partir do século XIX, pela do café, a área das casas-grandes aumentou consideravelmente, sendo muitas delas verdadeiros “scuriais rústicos”, da frase de Luís Cedro, com salões vastos, quartos, “camarinhas” — que eram quartos internos, sem janela, para dormida das moças solteiras — cozinhas grandes como de conventos e outras dependências. Desse tipo era, em Pernambuco, a casa-grande do Engenho Noruega, do século XVIII, e, na Bahia, a do Engenho Freguesia, de meados do mesmo século, que tinha três saletas, dois pátios, trinta e dois quartos, três corredores e duas cozinhas.



Eng. Morojó - Nazaré da Mata, PE



Casa Grande da Fazenda Taépe - Vicência, PE

No século XIX, com a aristocracia dos “barões do açúcar” e dos “barões do café”, as casas-grandes perderam muito do seu aspecto de achatadas massas arquitetônicas e adquiriram verticalidade de linhas e altura de sobrados de cidade. Desse período são as casas-grandes de Camaragibe e de Moreno, em Pernambuco.

Além de fortalezas, as casas-grandes foram ainda hospedaria, enfermaria, recolhimento de mulheres e bancos, pois nelas se acolhiam viajantes, padres-mestres

ensinavam o ABC e o latim aos filhos dos senhores e aos pretos do serviço doméstico, as senhoras curavam os doentes, as filhas donzelas, na falta de convento de freiras (que os Reis de Portugal nunca permitiram que se construísse em Pernambuco), eram postas ao abrigo do mundo, e em esconderijos nas paredes eram depositados dinheiro e haveres.

Ainda está por tentar um estudo da influência do tipo arquitetônico da casa rural portuguesa sobre a casa-grande de engenho de açúcar do Brasil dos sé-

culos XVI e XVII; parece, porém, que, embora o tipo de exploração econômica aproxime a casa-grande do *monte alentejano*, é sobretudo da casa do Norte — minhota, trasmontana, beiroa — com seu rés-do-chão e primeiro andar, para o qual se sobe por uma escadaria exterior, com acesso a uma varanda de madeira, que mais se aproxima a casa-grande daqueles dois séculos iniciais da vida brasileira. Pois do século XVIII em diante as soluções são já brasileiras, acentuando-se então o achatado da casa, o longo telhado quase sem declive, a proteção contra a luminosidade forte, as varandas de colunas em torno da casa, a estabelecer como que uma zona intermediária entre o campo e os aposentos.

O material de construção variou conforme as regiões: em Pernambuco predominou a princípio a taipa e depois o tijolo, observando Artur Orlando que o barro deve ser considerado o material de que mais se aproveitou a gente da Nova Lusitânia; na Bahia, ao lado do tijolo, foi igualmente utilizada a pedra, segundo registrou Gabriel Soares de Sousa, ao mencionar a abundância alí de “boa pedra de alvenaria e cantaria”.

Narcisse

Narcisse